

**Fotobiografia de
Artur Morão:**

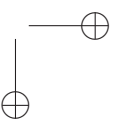
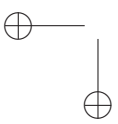
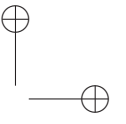
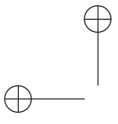
Sessão de Homenagem



José António Campelo de Sousa Amaral

2022

www.lusosofia.net





LUSOSofia:press

Covilhã, 2022

FICHA TÉCNICA

Título: *Fotobiografia de Artur Morão: Sessão de Homenagem*

Autor: José António Campelo de Sousa Amaral

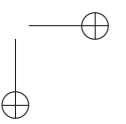
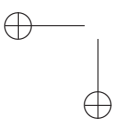
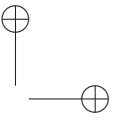
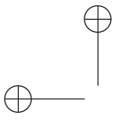
Colecção: Artigos LUSOSOFIA

Design da Capa: António Rodrigues Tomé

Universidade da Beira Interior

Covilhã, 2022

DOI: 10.25768/L-22-003



Professor Artur Morão

TRADUZIR... um Infinito a-Fazer

SESSÃO DE HOMENAGEM

FACULDADE DE ARTES E LETRAS - UBI

SOCIEDADE PORTUGUESA DE FILOSOFIA

2018





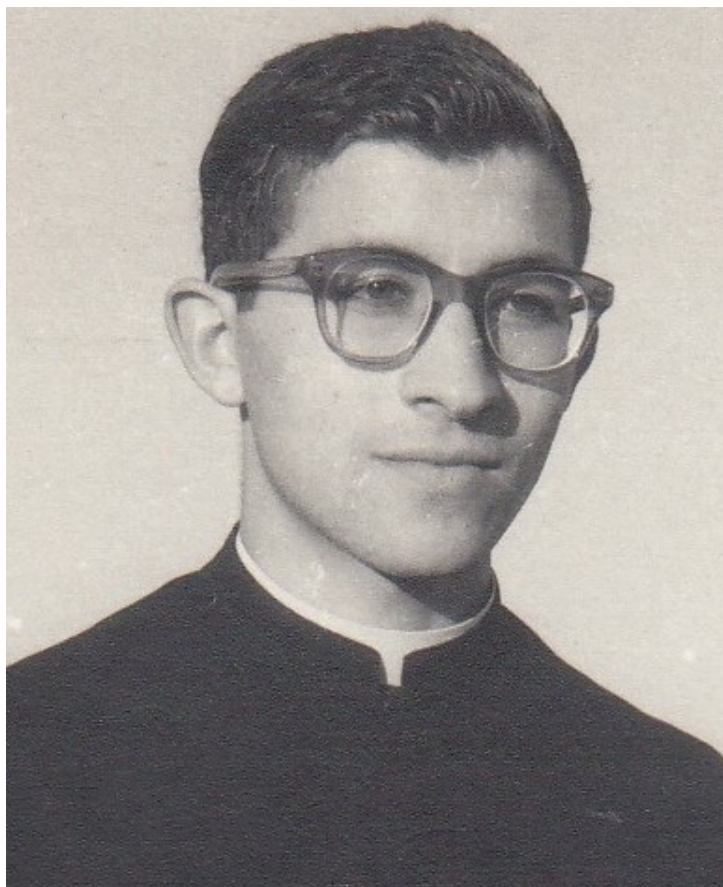
Com 12 anos em Macieira de Cambra
(1952)

Artur Ferreira Pires Morão nasceu no Peso, Covilhã, a 12 de Setembro de 1940



Escola Apostólica de Macieira de Cambra
(1952)

Entre 1952-1957 dá início à formação secundária na Escola Apostólica dos Jesuítas, em Macieira de Cambra, Vale de Cambra



Com 19 anos, no Noviciado, em Soutelo
(1959)

Entre 1957-1962 envereda pelos Estudos literários e humanísticos no Noviciado e Juniorado da Companhia de Jesus, em Soutelo, Braga



Com 21 anos, no Juniorado, em Soutelo (1959)

Graças à sua determinidade e ao carácter específico das suas questões e dos seus temas, <a filosofia> pode tornar-se comunicável, um bem comum (...), uma tarefa comunitária em que a criatividade, a invenção pessoal, passa pelo confronto e pela autenticação de múltiplos auditórios segundo a sua especificidade, pelo incessante intercâmbio e pela troca do pensamento próprio com o pensar dos outros. Tal exige (...) o trânsito pelo mundo e pelas coisas (...); sem esse desvio pelas mediações, (...) não se chega à avaliação sadia das entidades, dos eventos, dos outros, ao reconhecimento da forma e do recorte do real nos seus múltiplos veios e níveis, no seu enlaçamento, na sua respiração conjunta.

Artur Morão, Trabalho de si mesmo e alienação do outro.
Notas sobre o ensino da filosofia em Hegel, 2010



**Casa da Torre, actualmente Centro de Espiritualidade e Cultura (CEC)
da Companhia de Jesus, em Soutelo, Braga**



Aos 25 anos, na Fac. de Filosofia, Braga (1965)

Transparece, possivelmente, no modo habitual de falar acerca dos 'clássicos' um elemento pré-reflexivo, que importa trazer à consciência e a uma maior explicitação, e que implica, para lá das modas, a lucidez do bom gosto. (...) Não obstante a sua superfície ou aparência, todas as grandes produções humanas (que até podem ter só a extensão de um breve poema ou a insinuação de um leve traço) se caracterizam pela sua aspiração cêntrica, pela sua força de síntese, pelo seu ímpeto para uma omnímota conexão que faz vislumbrar um mundo.

Artur Morão, Para uma Hermenêutica do 'Clássico', 1998

Entre 1962-1965 ingressa na Faculdade de Filosofia de Braga, iniciando a sua formação académica superior



Faculdade de Filosofia de Braga,
actualmente Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais,
Centro Regional de Braga da Universidade Católica
Portuguesa

Entre 1965-1968 ensina Línguas Latina e Grega e Cultura Clássica
no Curso Propedêutico da Faculdade de Filosofia de Braga



Aos 30 anos, na Univ. Católica, Lisboa (1970)

[Nos textos "clássicos"] nota-se mais a instabilidade que os rodeia, em virtude das crises da vida espiritual que uma cultura atravessa. Conferem a esta, enquanto textos fundadores, o seu perfil próprio, mas também a transcendem, devido ao excesso de sentido que os habita. São particulares, mas exsudam universalidade; e tanto mais universais quanto mais particulares, pois encarnam na sua individualidade uma significação definitiva; (...) reivindicam a atenção a si, à sua estranheza que nunca se deixa domesticar, intimam-nos a não sermos receptores passivos nas possibilidades que encerram.

Artur Morão, Para uma Hermenêutica do 'Clássico', 1998

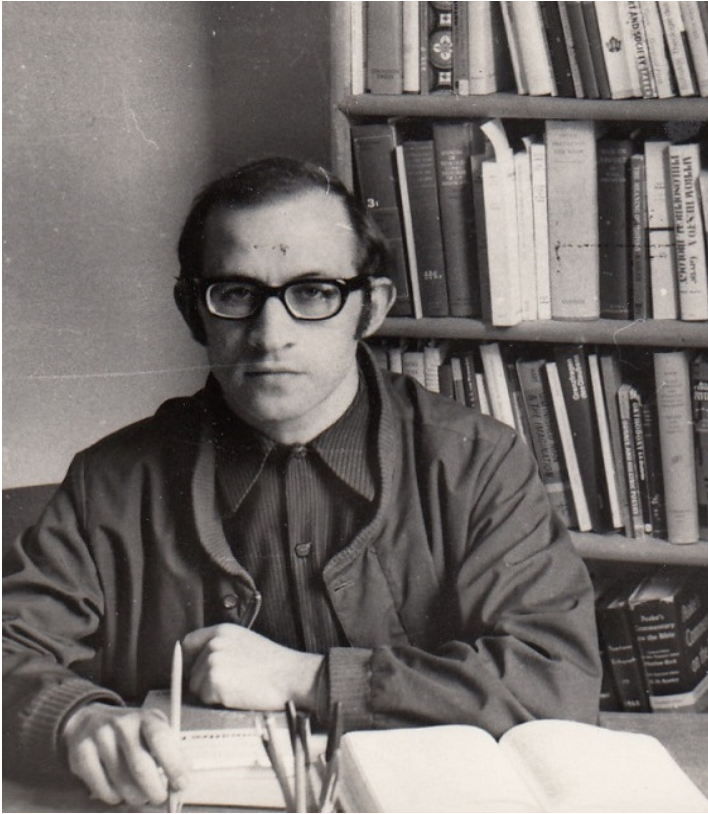
Entre 1968-1970 dá continuidade à formação académica, cursando Teologia na Universidade Católica de Lisboa



Com 30 anos, entre confrades jesuítas, em Dublin (1970)

Todos os clássicos suscitam uma salutífera e necessária ‘dissonância cognitiva’, que nos arranca à imersão no ideológico ou no anónimo do grupo e do código social, e nos abriga a tomar nas mãos a nossa própria existência, a confrontar a nossa ipseidade com a dos outros, mesmo que estes sejam simples figuras literárias, personagens dramáticas ou símbolos artísticos; (...) ajudam-nos a desconstruir as falsas identidades, a retirar a máscara, a quebrar a imagem narcísica; (...) não são redutíveis a uma fórmula, resistem à inércia e à manipulação, têm uma vida própria que nunca se reduz apenas ao seu destino exterior, fazem surgir constantemente novos estratos, esvanecem-se e, de novo, ressurgem.

Artur Morão, Para uma Hermenêutica do ‘Clássico’, 1998



Com 31 anos, Teólogo em Milltown, Dublin (1971)

Os clássicos, como despontam sempre na vida das culturas e no turbilhão da sua agitação espiritual, encontram-se numa rede de cumplicidades e de intertextualidades. Raramente aparecem isolados; e quando assim acontece, é porque em geral ignoramos o seu verdadeiro húmus histórico, as infiltrações e empréstimos que procedem de outras obras e concorrem para a produção de novas identidades. Não acena a *Odisseia* de Homero para a *Eneida* de Virgílio, e esta para os *Lusíadas* de Camões? Não configura a *Carta aos Romanos* uma certa intimidade do Ocidente através da teologia de S. Agostinho e, mais tarde, de Lutero ou Calvino, fazendo ainda sentir-se em Karl Barth? As ilustrações podiam multiplicar-se *ad infinitum*.

Artur Morão, Para uma Hermenêutica do 'Clássico', 1998

Entre 1970-1972 prossegue e aprofunda os estudos teológicos na Jesuit Faculty of Theology, em Milltown Park, Dublin



Jesuit Faculty of Theology, hoje Institute of Theology and Philosophy, Milltown Park, Dublin



Jesuit Library Milltown Park, Dublin

Os clássicos despertam-nos para a responsabilidade. Requerem, por um lado, a nossa actividade, a nossa atenção, a disponibilidade moral para nos deixarmos ler ou interpretar por eles, na sua exemplaridade, no seu imperativo profético, na sua propensão iconoclasta, na sua renúncia ao imediato. Por outro, fazem-nos entrar na sua complexão de sentido que nunca se dirige à simples fruição sensível, à nossa visceralidade, mas à inteligência, à pessoa inteira. (...) É por isso que o papel das grandes criações humanas (literárias, artísticas, poéticas, musicais, religiosas, etc.) é indispensável e insubstituível.

Artur Morão, Para uma Hermenêutica do 'Clássico', 1998

No decurso da sua formação filosófica e teológica, apura o domínio do Latim, Grego, Francês, Inglês, Alemão, Espanhol e Italiano, línguas em cujo conhecimento assentará a mestria do futuro ofício de tradutor



Redactor na Revista *Brotéria*, Lisboa (1972)

A nossa multipolar experiência é, por isso, forçosamente hermenêutica para que, através dela, contorno ganhe o mundo que vamos erigindo, nós que, mundificadores por vocação e por destino, pomos no que fazemos o selo, a marca e o enigma da obra, acrescentando deste modo novos continentes ao mundo, explorando o aberto nas suas virtualidades ilimitadas.

Artur Morão, *O Nó, a Regra e a Sombra: a constituição da Experiência Hermenêutica*, segundo H. G. Gadamer, 2002

No plano editorial, assume as funções de redactor e colaborador:

na Revista *Brotéria* (de forma assídua entre 1965-1975);

na *Revista Portuguesa de Filosofia*;

na *Logos - Enciclopédia luso-brasileira de Filosofia* (ed. Verbo).

A si se deve a criação, nas Edições 70, das bem-sucedidas e reputadas colecções:

Textos filosóficos, Biblioteca de Filosofia Contemporânea,

Perfil-Colecção de História das Ideias e do Pensamento



Docente do Ensino Secundário e da Universidade Católica, Lisboa (1981)

A filosofia tem (...) a tarefa indispensável de ajudar a recuperar a nupcialidade do homem e do cosmos, que se pressente em muitas obras artísticas e literárias, e a desfazer a relação predominantemente bélica com a natureza que inspirou a nossa civilização, sobretudo nas últimas centúrias (...); a filosofia denunciará, por isso, a subjectividade que, no seu giro constitutivo, se esquece do mundo e se comporta ditatorialmente perante as coisas em vez de, no seu trato com elas, conjugar a teoria (contemplação) e a prática como os dois movimentos indissolúveis da sua relação com o mundo.

Artur Morão, O Acto Filosófico como 'Exercício Espiritual', 2004

Entre 1973-2009 exerce as funções de Professor de Filosofia no Ensino Secundário



Docente na Universidade Católica, Lisboa (1985)

A filosofia não é uma mera terapêutica ou obstétrica das palavras (não obstante o valor e a verdade parcial desta posição), lida com problemas e objectos essenciais (direito, justiça, sentido do ser e da existência, etc.); estes objectos, conquanto universais, têm (e devem ter) uma implantação no íntimo dos discentes.

Artur Morão, Trabalho de si mesmo e alienação do outro.
Notas sobre o ensino da filosofia em Hegel, 2010

Entre 1979-2002 integra o corpo docente da Universidade Católica de Lisboa, dedicando-se à leção de Hermenêutica do Texto Filosófico e, em especial, de Epistemologia Geral e de Filosofia da Linguagem

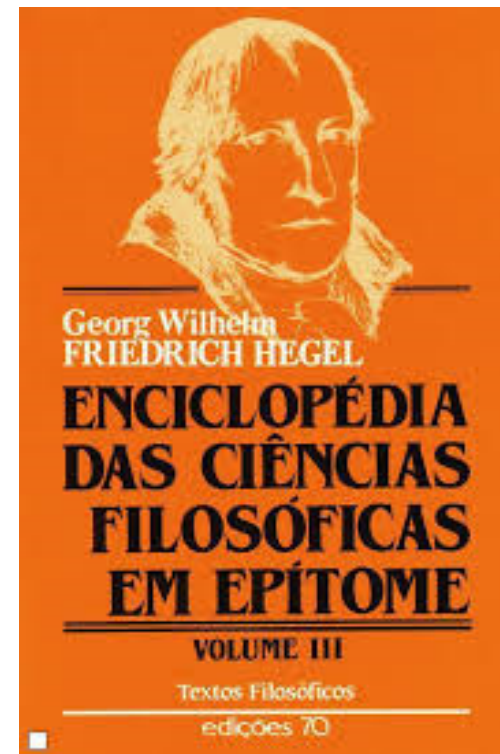
VENCEDOR DO PRÉMIO

P EN CLUBE PORTUGUÊS

1988

Modalidade Tradução

Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Epítome, de G. W. F. Hegel





Com Jean Ladrière e outros docentes da UCP, Lisboa (1989)

Ora o impulso ‘espiritual’ da filosofia palpita e ressoa justamente na atenção ao nexo entre a totalidade e as particularidades, entre o todo e as partes, entre o horizonte amplo e os lugares singulares, restritos. Nessa tensão vinculante, difícil mas indispensável, se situa a coragem da verdade, do discernimento valorativo, a fé na razão, a seriedade da reflexão; mas também a possibilidade de um humor derradeiro, que relativiza o jogo dos interesses, acima da planura da vida e para lá da superficialidade ou vaidade das opiniões.

Artur Morão, O Acto Filosófico como ‘Exercício Espiritual’, 2004



Colóquio em evento escolar, Loures (2010)

Porque provida de conteúdos, a filosofia é susceptível de aprendizagem, (...) tem alguma ligação (...) com a inserção inteligente e atenta na tradição ou nas tradições em que se inscreve, com a visão das coisas mais ou menos articulada no seio de uma civilização, com a comunidade de que se é membro, não decerto para lhes sujeitar servilmente os discentes ou quem filosofa, mas para visar a liberdade e a autonomia na responsabilidade do agir e do pensar.

Artur Morão, Trabalho de si mesmo e alienação do outro.
Notas sobre o ensino da filosofia em Hegel, 2010

Em 2008 funda, juntamente com António Fidalgo e José Rosa, o site LUSOSOFIA, Biblioteca online de Filosofia e Cultura, em português, de acesso livre e gratuito, da qual é tradutor principal.

Em 2009 atinge a Aposentação, mas continua a desenvolver intensa actividade cultural, científica, académica e cívica



No coro do Mosteiro de Tibães (2012)

O verdadeiro e nefasto sacrifício da inteligência é aquele que consiste em eliminar as múltiplas dimensões em que ela expressa a sua natureza polifónica, no confronto com uma realidade que é também multimodamente matizada e que não cabe em nenhum dos nossos esquemas teóricos nem nos retículos dos nossos sistemas, mas só pode ser enfrentada com a totalidade e a constituição pluridimensional do nosso ser, ou seja, com numerosas linguagens, com uma paleta rica de cores (...). E mesmo assim, apesar de todo o nosso empenhamento poético, o mundo preservará a sua inesgotabilidade semântica, o seu excesso de significação possível.

Artur Morão, O Acto Filosófico como 'Exercício Espiritual', 2004



Maestro na Igreja de St. António dos Cavaleiros, Loures (2014)

[A filosofia] é o acto de uma razão polifónica (bebe em muitas fontes, escuta muitas vozes - dos homens e das coisas) ou sinfónica (...): é um acto que (...) combina o canto poético a solo e em coro, a voz de cada um e o timbre de outras vozes; (...) na sua prática, vive de descobertas pessoais e de ecos de outros, de ressonâncias e dissonâncias, de uníssonos e de contrastes, de pensamentos explícitos e de silêncio (pensamento tácito), da combinação de instrumentos e de temas diversos; sabe misturar as grandes ideias com o concreto, e com gestos comuns. (...) Dá um sentido de missão a tudo o que fazemos, um ar de epopeia aos pequenos gestos de cada dia, porque vê cada momento do tempo iluminado pelo esplendor do sentido e da eternidade.

Artur Morão, Para uma Hermenêutica do 'Clássico', 1998



Organista na Igreja de St. António dos Cavaleiros, Loures (2016)

A melhor “teologia” do século das Luzes habita porventura na música de uns quantos mestres: J. S. Bach, G. F. Haendel, J. Haydn e W. A. Mozart e outros de menor envergadura. (...) É a música desses mestres que preserva o sentido antigo e profundo do *ordo rerum*, da ordem das coisas, marco de inserção e fonte de iluminação da via humana, do cosmos e de toda a realidade. Na sua música religiosa ou naqueloutra que tende a ser ‘absoluta’ - segundo a designação dos entendidos - ou seja, sem quaisquer referentes textuais ou programáticos, ressoa de algum modo (...) a música secreta do todo, de que a fabricada é figura, prenúncio ou imitação.

Artur Morão, Festa dos sons e Teologia. A propósito da música de W. A. Mozart, 2006



TRADUÇÃO DE AUTORES DE REFERÊNCIA DA FILOSOFIA

MARX, K., *Manuscritos económico-filosóficos*, 1975 (1989)

ADORNO, Th.W., *Teoria Estética*, 1982

***Minima Moralia*, 2001**

KANT, I. , *Prolegómenos a toda a Metafísica futura*, 1982

***Crítica da Razão prática*, 1984**

***Os Progressos da Metafísica*, 1985**

***A Paz perpétua e outros Opúsculos*, 1988**

***Primeiros Princípios metafísicos da Ciência da Natureza*, 1990**

***A Religião nos Limites da simples Razão*, 1992**

***O Conflito das Faculdades*, 1993**

***Metafísica dos Costumes, I Parte – Doutrina do Direito*, 2004**

***Lógica*, 2009**



TRADUÇÃO DE AUTORES DE REFERÊNCIA DA FILOSOFIA

HUME, D., *Investigação sobre o Entendimento Humano*, 1985

HUSSERL, E., *A Ideia de Fenomenologia*, 1986

***Conferências de Paris* (juntamente com António Fidalgo), 1992**

WHITEHEAD, A.N., *Simbolismo. O seu Significado e Efeito*, 1987

SEARLE, J., *Mente, Cérebro e Ciência*, 1987

HABERMAS, J., *Ciência e Técnica como “Ideologia”*, 1987

RICOEUR, P., *Teoria da Interpretação*, 1987

***O Discurso da Acção*, 1988**

HEIDEGGER, M., *A Essência do Fundamento*, 1988

FEUERBACH, L., *Princípios da Filosofia do Futuro*, 1988

HEGEL, G.F., *Enciclopédia das Ciências filosóficas em Epítome*, 1988-1992

***Propedêutica filosófica*, 1989**

***O Sistema da Vida ética*, 1991**

***Introdução à História da Filosofia*, 1991**

***A Razão na História*, 1995**



TRADUÇÃO DE AUTORES DE REFERÊNCIA DA FILOSOFIA

NIETZSCHE, F., *O Anticristo*, 1989

***Crepúsculo dos ídolos*, 1988**

***Ecce Homo*, 1989**

DILTHEY, W., *Teoria das Concepções do Mundo*, 1992

***Psicologia e compreensão*, 2002**

ARISTÓTELES, *Ética a Eudemo* (juntamente com António Amaral), 2005

SIMMEL, G., *Filosofia da moda e outros ensaios*, 2008

SCHELER, M., *A situação do homem no cosmos*, 2008

SIMMEL, G., *Psicologia do dinheiro e outros ensaios*, 2009

MOUNIER, E., *O personalismo*, 2010

BUBER, M., *Eu e Tu* (juntamente com Sofia Favila), 2014



LUSOSofia

BIBLIOTECA ON-LINE DE
FILOSOFIA E CULTURA



TRADUÇÕES FILOSÓFICAS NA LUSOSOFIA

BUFFON, G.-L., Discurso sobre o Estilo (2011)

DILTHEY, W., Os Tipos de Concepção do Mundo e o seu Desenvolvimento nos
Sistemas Metafísicos (s.d.)

Ideias acerca de uma Psicologia Descritiva e Analítica (2008)

DUHEM, P., O Valor da Teoria Física (2008)

FEUERBACH, L., Necessidade de uma Reforma da Filosofia (2008)

Teses Provisórias para a Reforma da Filosofia (2008)

Princípios da Filosofia do Futuro (2008)

FICHTE, J. G., Conferências sobre a Vocação do Sábio (s.d.)

FREUD, S., Escritos sobre a Guerra e a Morte (2009)

HANSLICK, E., Do Belo Musical. Um Contributo para a Revisão da Estética
da Arte dos Sons (2011)

HEGEL, G.W.F., Sobre o ensino da Filosofia (s.d.)

Monoteísmo da Razão – Politeísmo da Arte. O mais antigo
Programa Sistemático do Idealismo Alemão (2009)

Prefácio à “Filosofia da religião” de Hinrichs – Sobre fé e razão
(2011)

A História Universal. Filosofia do Direito, §§ 341-360 (2011)



LUSOSofia

BIBLIOTECA ON-LINE DE
FILOSOFIA E CULTURA



TRADUÇÕES FILOSÓFICAS NA LUSOSOFIA

- KANT, I., Resposta à pergunta: “Que é o Iluminismo?” (s.d.)
Sobre um suposto Direito de Mentir por amor à Humanidade (s.d.)
Ideia de uma História Universal com um propósito Cosmopolita (s.d.)
A Paz Perpétua. Um Projecto Filosófico (2008)
Que significa orientar-se no pensamento? (s.d.)
O fim de todas as coisas (s.d.)
Sobre a expressão corrente: Isto pode ser correcto na teoria, mas nada vale na prática (s.d.)
Paz Perpétua. Um Projecto Filosófico (2008)
A Religião nos Limites da Simples Razão (2008)
O Conflito das Faculdades (2008)
Lógica. Excertos da Introdução (2009)
- LEIBNIZ, G., Princípios da Natureza e da Graça fundados na Razão (s.d.)
- MARX, K., Para a Crítica da Filosofia do Direito de Hegel (2008)
A questão judaica (s.d.)
- MOUNIER, E., Existência Encarnada (2011)
- NEWMAN, J., O Sentido Ilativo, in: Ensaio a Favor de uma Gramática do Assentimento (2011)
- NIETZSCHE, F., O anticristo (2008)
Ecce Homo. Como se chega a ser o que se é (2008)



LUSOSofia

BIBLIOTECA ON-LINE DE
FILOSOFIA E CULTURA



TRADUÇÕES FILOSÓFICAS NA LUSOSOFIA

PÉGUY, C., Da Razão (2009)

SCHELER, M., Ordo Amoris (2012)

Da Essência da Filosofia e da Condição Moral do
Conhecer Filosófico (s.d.)

Diferença essencial entre Homem e Animal, in: A Situação
do Homem no Cosmos (2008)

SCHLICK, M., A Viragem da Filosofia (s.d.)

SIMMEL, G., A Mulher e a Moda (s.d.)

As Grandes Cidades e a Vida do Espírito (2009)

A Filosofia da Paisagem (2009)

Ideias Religiosas Fundamentais e Ciência Moderna (2008)

TAYLOR, C., A Esfera Pública (2010)

WEBER, M., A Ciência como Vocação (s.d.)

Três Tipos Puros de Poder Legítimo (s.d.)

Conceitos Sociológicos Fundamentais (2010)

Interpretação Racional e Causalidade Histórica (2010)

AUTORIA

António Amaral, Docente da Faculdade de Artes e Letras da UBI

AGRADECIMENTOS EXPOSIÇÃO BIBLIOGRÁFICA

António Bento, Director da Biblioteca da UBI

Sandra Pinto, Chefe de Divisão da Biblioteca da UBI

Olga Abrantes, Técnica superior da Biblioteca da UBI

João Videira, Técnico superior da Biblioteca da UBI

José A. Domingues, Docente da Faculdade de Artes e Letras da UBI

José Rogeiro, Técnico de Produção e Difusão de Imagem da Tipografia da UBI

Manuela Penafria, Directora do Centro de Recursos de Ensino e Aprendizagem da UBI

Carlos Micaelo, Assistente Técnico do Centro de Recursos de Ensino e Aprendizagem da UBI

Margarida Amaral, Documentalista

Biblioteca da Universidade Católica Lisboa; Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra; Biblioteca da Faculdade de Psicologia e Ciências Educação da Universidade Lisboa; Biblioteca Municipal de Elvas